

A HORA DA REVOLTA

edição brasileira© Hedra 2017

corpo editorial Adriano Scatolin,
Caio Gagliardi,
Jorge Sallum,
Luis Dolhnikoff,
Oliver Tolle,
Ricardo Musse,
Ricardo Valle,
Tales Ab'Saber

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

*Direitos reservados em língua
portuguesa somente para o Brasil*

EDITORA HEDRA LTDA.
R. Fradique Coutinho, 1139 (subsolo)
05416-011 São Paulo SP Brasil
Telefone/Fax +55 11 3097 8304
editora@hedra.com.br
www.hedra.com.br

Foi feito o depósito legal.

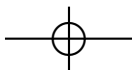
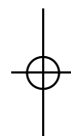
A HORA DA REVOLTA

Mino Carta

1ª edição

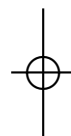
hedra

São Paulo_2017

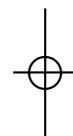


Sumário

A HORA DA REVOLTA	7
-----------------------------	---



A Hora da Revolta



“Pessimismo da ação, otimismo da vontade”

Antonio Gramsci

GIANNI – *Vivemos sob um Estado de exceção em que golpes nascem dentro de golpes. Luiz Inacio Lula da Silva, ou o candidato/a indicado por ele caso seja condenado em segunda instância, vencerá o pleito Presidencial de outubro de 2018. Visto que este opúsculo leva o título A Hora da Revolta, como arrebanhar o povo?*

MINO – Antes de o Lula ser condenado em segunda instância, é preciso organizar uma operação de largo espectro, capilar, chegando em todos os cantos do País. O Lula tem perfeitamente condições de fazer isso. E o Partido dos Trabalhadores tem de deixar de ser um partido inerte. E preciso organizar uma ampla campanha, inclusive nas redes sociais, mas principalmente nas ruas. E todas as figuras progressistas e forças democráticas têm de forjar sólidos elos com o PT. Bastaria isso. Já lancei a “Operação Misericórdia pelo Brasil” me dirigindo

aos leitores de *CartaCapital*. Os leitores deveriam ter um impacto sobre todos aqueles que puderem alcançar. Por favor, expliquem a eles o que está acontecendo no neste País. Não é possível levar a vida como se a situação que estamos atravessando fosse uma situação normal. Estamos vivendo golpes dentro de golpes. É hora de reagir.

O golpe institucional para destituir Dilma remonta a agosto de 2016. O objetivo era tornar o Lula Inelegível.

No meu entendimento é preciso compreender que retirar o Lula desse páreo sem provas por meio de uma condenação culminada pelo Tribunal do Santo Ofício de Curitiba implica um pleito ilegítimo. Esse é primeiro ponto a ser encarado. Sem Lula esse pleito não vale nada. Esse é o ponto central a meu ver. Agora é claro que a situação implica riscos graves. Por quê? Porque se você observar o futuro eleitoral percebe que nem o PMDB nem o tucanato têm condições de eleger um candidato capaz de garantir a sobrevivência da casa-grande e da senzala. Por isso haveria um golpe dentro do golpe para impedir as eleições de 2018. E com o apoio dos Estados Unidos da América.

Lula provavelmente será condenado em segunda instância. O magistrado rio-grandense é padrinho de casa-

mento de Moro e fez mestrado com o mesmo. Além disso, como sabemos, o Sul é terra de maioria conservadora e não podemos dizer que naquela região prima um grande apreço pelo Lula.

Não há saída para o País sem um enfrentamento. Um grande abalo social. Forte. Até um terremoto, se for o caso. Seria mais que um forte abalo forte. Lula já acreditou na possibilidade da conciliação, mas acredito que tenha finalmente entendido que conciliação é impossível. Os Pactos de la Moncloa que houve na Espanha após a morte de Franco em 1975 estabilizaram o processo de transição para uma democracia. Foram conduzidos por um homem de direita que, no entanto, admiro bastante, Adolfo Suárez. Pois bem, os Pactos de la Moncloa, de outubro de 1977, no Brasil são totalmente impossíveis porque a casa-grande não aceita conversar com o trabalhador. Veja como a mídia nativa recebeu a notícia, salvo o Temer, aliás, do retorno ao trabalho escravo.

Sim, o trabalho escravo encaixa bem com a nossa casa-grande e senzala. Foi você quem usou pela primeira vez essa terminologia, ou digamos, analogia entre a casa-grande e as elites. E a senzala é a maioria pobre. Essa

volta ao trabalho escravo significa um retorno à uma sociedade escravocrata?

Não se trata de um retorno porque a casa-grande, assim como a senzala, estão de pé. Além de tudo, esse governo de Temer, com a ajuda do Congresso, e diante de uma alta corte de fancaria, fortalece cada vez mais a casa-grande. Estamos falando de um golpe perpetrado pelos Três Poderes da República. Essa casa-grande determina uma situação pela qual só existe uma saída: esse forte abalo social. Não há outra saída. Então se Lula for condenado em segunda instância o povo tem de sair às ruas para abortar essa operação. É o único jeito. Não há outro. Caso contrário nós corremos o risco de não haver eleições no próximo ano. O próprio Lula disse no final de outubro, durante a caravana pré-eleitoral dele em Minas Gerais: “Eu não sei o que vai acontecer no próximo ano”. Ele sabe que é esse o risco, ou seja, o de um golpe dentro do golpe para não haver eleições presidenciais. É hora de reagir.

Suponhamos que o povo não reaja e Lula seja inelegível em outubro de 2018. Lula, não há a menor sombra de dúvida, é um excelente cabo eleitoral. É muito provável que esse candidato petista vença o pleito presidencial.

O candidato que Lula escolher, o Lula da vez, parte favorito no meu entendimento. Mas repito: a vitória de um petista apoiado por Lula no pleito será fatal. Portanto, no momento da condenação de Lula é preciso ir às ruas. E os sindicatos? Já tiveram e têm razões de sobra para sair às ruas. Evidentemente convém um exame de consciência. As lideranças não chegaram ao trabalhador. Não o doutrinaram, não o conscientizaram. É fundamental mostrar ao trabalhador qual é a situação real. Foi jogada no lixo a CLT (Consolidação das Leis de Trabalho; 1943). A questão da reforma da Previdência está aí. Senhores, o que é isso?

Acha que esses senhores e o povo entendem o significado de um impeachment? Em recente entrevista, o embaixador e ex-chanceler de Lula, Celso Amorim, lembrou que Richard Nixon não foi destituído, mas renunciou e o cargo ficou para o Gerald Ford. Pois o Ford continuou a trilhar o caminho traçado pelo Nixon. Da mesma forma, Bill Clinton não foi destituído. Mas se tivesse, o vice-presidente Al Gore teria dado continuidade ao trabalho realizado por Clinton. No Brasil houve um golpe camuflado de impeachment, visto que o governo do presidente ilegítimo optou por outra política econômica.

Mino: Concorde. Mas impeachment houve porque a Dilma foi defenestrada. Rasgaram a Constituição. Além disso, as chamadas pedaladas fiscais não seriam um motivo para a destituir porque todos praticavam as tais das pedaladas. E além de tudo reconheceram que não havia pedaladas. O Belluzzo foi ao Congresso no dia da votação, ou um dia antes, e disse: "O que houve foram despedalas". Despedalas. Os deputados queriam um pretexto, como o fazem agora para alijar Lula do páreo presidencial. É a mesma tática.

Acha que se o Lula tivesse sido chefe da Casa Civil no início do segundo mandato de Dilma não teria ocorrido o impeachment?

Certamente não teria ocorrido o impeachment. O Lula, é um mobilizador das massas, na sua qualidade de único líder popular e nacional verdadeiro. Há lideranças locais fortes. Mas não nacionais. Na sua qualidade de líder nacional único, junto à sua qualidade de mobilizar massas, em um discurso que comove o povo, e também o talento dele como negociador, ele saberia como negociar a permanência do governo de Dilma até o fim. Sem impeachment. Eu não tenho a mais pálida sombra de dúvida a respeito.

O mensalão foi o primeiro golpe contra Lula e o PT?

Uma tentativa de golpe, eu diria. Apesar do mensalão o Lula se reelegeu folgadoamente. E não somente. Deixou seu governo com 78 por cento de aprovação. Portanto, o mensalão não funcionou como golpe. Foi uma tentativa. Em seguida vem a Lava Jato, uma operação atirada, a partir da corrupção, no caso da Petrobras, contra o Lula e o PT. Já está ali está montado o golpe. Ele se concretiza em uma eleição, a de 2014, em que Dilma ganha apertadamente e é destituída dois anos depois.

G. O “mensalão” é história encerrada. Entretanto, a direita continua a associar o “mensalão” ao PT, como se fosse algo de inédito.

M. O “mensalão” é o caixa dois. Sempre houve na política brasileira. Mensalão não é novidade. Mas virou novidade porque o PT tem caixa dois. Quando me hospedei na Granja do Torto assisti a seguinte cena: A Marisa dizia: “Eta vida, ele (Lula) acredita nas pessoas. E Lula dizia: “Fizeram uma besteira”. Mas até que ponto foi uma besteira se o uso de caixa dois era absolutamente normal na vida política brasileira? O problema são regras para o financiamento de partidos na política brasileira. Agora, o mensalão, assim como o escândalo com a Petrobras, ocorreu com outros governos an-

teriores aos de Lula. Não podemos esquecer da “privataria tucana”. Fernando Henrique Cardoso tinha um amigo central, o Sergio Motta. Esse era um operador, como dizem no Brasil, formidável. O dinheiro que ali circulou só Deus sabe. Foi a maior roubalheira na história do Brasil.

Como levar a Lava Jato a sério se o Judiciário está politizado?

O Judiciário está bastante politizado a serviço da casa-grande a ponto de participar ativamente do golpe. E esse Moro e a turma dele compõe um tribunal do Santo Ofício, visto que toda a argumentação levada adiante para condenar me lembra muito o tribunal que condenou Joana D’Arc. É igual. E por trás havia também razões políticas. Como Bernard Shaw explica brilhantemente em *Saint Joan*, uma de suas obras-primas, houve um acordo entre uma parte da Igreja francesa e os ingleses, até então ocupando uma parte da França. Era contra os ingleses que Joana d’Arc combatia. Selado o acordo, Joana D’Arc virou uma herege. Foi queimada viva em 1431. Esse julgamento de Joana d’Arc me lembra muito o julgamento de Curitiba, onde as convicções substituem as provas. Estou me referindo à condenação de Lula a nove

anos e meio. Nove anos e meio porque o senhor Moro, maligno, quis lembrar que Lula tem nove dedos e meio.

Como obteve essa informação?

É uma convicção minha. É um sentimento que se abriga no fundo do meu coração e no fundo da minha mente. E me espanta entre o fígado e a alma. É um vento a soprar negativamente. Por essas e outras maldades, arrogâncias, deveria haver uma mobilização do povo, incluindo os trabalhadores, que está pronto a votar em Lula. Esse povo deveria estar na rua. Insisto nesse ponto. Não há alternativa. Sem povo na rua para fazer muito barulho e disposto a um enfrentamento contra a polícia armada e prepotente, agressiva, não há saída. Repito: a eleição não garante a manutenção do status quo atual. Portanto, essa turma que já conduziu toda essa operação até aqui não vai ser tomada por um súbito impulso democrático por conta própria. Vai melar tudo. Precisamos entender que a propaganda midiática funciona. Dizem que o PT é formado por um bando de ladrões. É preciso enfatizar o seguinte: A Lava Jato serve para condenar o Lula. Este País além de ser ridículo é um País onde reina a maldade mais desenfreada e praticada im-

punemente. A prepotência e a arrogância desses senhores é absolutamente insuportável.

As primeiras perguntas dirigidas às pessoas que se prestam a fazer as delações premiadas são sobre o Lula. Indaga Sabem algo sobre o Lula?

Querem a pele do Lula. Esse Santo Ofício de Curitiba prestou-se ao jogo sujo de uma forma vergonhosa. Mas agora os homens do poder já não querem a Lava Jato. Gilmar Mendes, o ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), não quer. O Temer não quer. Os parlamentares não querem. Claro, estão todos incriminados. O Temer, aliás, já está condenado. Vai ser preso.

Você diz que um mea culpa por parte das esquerdas brasileiras é fundamental. Inclusive para conscientizar o povo.

Quem se disse de esquerda no Brasil nunca chegou realmente ao povo brasileiro. Veja o caso do extrotskista Palocci, que pertencia a famosa Libelu (Liberdade e Luta; movimento estudantil dos anos 1970). Depois como ministro da Fazenda no governo Lula se revelou um neoliberal. Na verdade, não tem um trotskista que não tenha virado um reacionário ao extremo. Na verdade, é o discurso do Lula que empolga o povo brasileiro. Tem de ser ele a fazer esse discurso. Os sindicatos, volto a re-

petir, têm razões de sobra, montanhas de motivos para fazer muito barulho.

Espanta o fato de os petroleiros não terem agido como outrora na privatização da Petrobras.

Claro que espanta. Isso aconteceu em outros tempos. Tempos distantes. É hora de um belo exame de consciência e partir para a luta. Mas de verdade. Nas fábricas. Onde for possível. Tem de fazer muito barulho. E mostrar aos eleitores que a maioria não quer essa situação. Além de tudo, somos vítimas, com a exclusão de ricos e super ricos.

Você fez a primeira capa de Lula em fevereiro de 1978 na semanal IstoÉ. Naqueles tempos houve greves bem organizadas e eficazes.

O Lula nasceu daquela nova leva de sindicalistas. O PT nasceu ali. Aqueles sindicalistas sabiam convocar greves. Há pouco tempo fiz uma palestra na CUT (Central Única dos Trabalhadores) de São Paulo, onde aliás tenho grandes amigos, e falou-se em uma greve geral que houve. Um sindicalista da baixada santista disse: “Olha eu não sei mesmo se houve uma greve geral porque até agora me pergunto se os trabalhadores não saíram de casa por decisão própria ou porque os ônibus não saíram das garagens”. Essa pergunta me tocou profunda-

mente. Quer dizer, foi uma greve geral, siparou praticamente tudo, menos os aeroportos. Mas realmente fiquei em dúvida sobre a sinceridade daquele movimento. Olha, repito, não escasseiam razões para fazer greves gerais, e muito mais que isso, para realmente mostrar o protesto, exhibir a queixa, trombetear a insatisfação. Há motivações às pamparras. Aos magotes. E, no entanto, você vê, não acontece nada. As pessoas parecem levar uma vida normal. Portam-se como se nada tivesse acontecido. Isso é de uma gravidade extrema. E, insisto, não há saída fora de uma disposição para o embate. Para o confronto. Sem isso, tudo fica como está.

Em recente entrevista com Lula, ele me disse que há vários "Lulinhas" para substituí-lo.

Se ficar claro na eleição que o favorito é um petista indicado por Lula, e não duvido que isso possa acontecer, haverá, repito, um golpe dentro do golpe. Não haverá eleição. É isso que temos de entender. E é por isso que insisto: sem o povo na rua, e é muito povo, todos aqueles que votam no Lula, não há nada. O problema no Brasil é que a presença da casa-grande e até hoje da senzala, é essa permanência da Idade Média sob o manto

norte-americano. Tal contexto decorre do fato de o Brasil não ter tido uma guerra de independência. Ao contrário de outros países Sul-Americanos. O Brasil nunca teve uma verdadeira revolução. Sangue na calçada correu muito pouco no Brasil.

Esqueçamos o Dom Pedro I e o suposto grito do Ipiranga, que até hoje não se sabe se de fato existiu. No entanto, durante a ditadura militar e das elites, entre 1964 e 1985, morreram 500 pessoas...

450.

Foram torturadas 1,8 milhão de pessoas. Houve uma esquerda no Brasil. Existem o Movimento Sem Terra (MST), o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST)...

De fato, os Sem-Teto e o MST são movimentos reais e souberam doutrinar a turma deles. Por isso são dois movimentos de esquerda que chegaram no ponto. Agora, quanto aos 450 mortos quero lembrar que haveria mais mortos e desaparecidos se isso tivesse sido necessário, aos olhos da ditadura. No Uruguai, país de pouco mais de 3 milhões de habitantes, morreram 5 mil. Na Argentina foram 30 mil. No Chile nem sabemos quantos. Torturadores brasileiros eram mestres de torturadores em outros países assolados por ditaduras. Somos muito bons em tortura. Muito bons. O nosso herói

é o Duque de Caxias, que comandou o genocídio do Paraguai, no final do século XIX. E é celebrado em praça pública em estatuas equestres fantásticas desembainhando a espada. Não tivemos Bolívar, nem San Martín e O'Higgins na nossa tradição. E por isso somos medievais até hoje.

E qual é a solução para isso?

Temos razões de sobra para finalmente mostrar a cara. As esquerdas têm de ir para a rua com o povo. Porque no fundo tudo isso mostra o quê? Tibieza, falta de coragem, medo.

O PT foi formado em 1980 por um movimento corajoso de esquerda.

De fato, aquelas greves são a meu ver o movimento de resistência mais importante a ditadura. Admiro muito a coragem de quem foi para o Araguaia no final da década de 60, achando que aquilo era a Sierra Maestra, e 80 mil homens enfrentaram 10 mil soldados. Tiro o chapéu. Mas aquilo é patético. As greves do ABC não foram patéticas. E ao cabo Lula foi preso e enquadrado na Lei de Segurança Nacional.

Preso 31 dias no DOPS (Departamento de Ordem Política e Social; extinto em 1983).

Lembro da Vila Euclides cheia até as bordas. Foram momentos extraordinários. Era o povo na rua. O povo reagia.

O PT tem quase 20 por cento do eleitorado. Lula concorda ser maior que o PT. Da mesma forma, diz o ex-presidente brasileiro, Jacques Chirac era maior que sua sigla de centro-direita. Willy Brandt foi maior que a social-democracia. Em contrapartida, Lula diz que François Hollande foi menor que o Partido Socialista. No entanto, Lula ressalva que chegou a Presidência sobre os ombros do PT.

O Lula tem razão. Mas o PT no poder, confesso, foi uma grande decepção. Por quê? Acreditou em conciliação com os neoliberais.

Creio que Lula tentou ser pragmático. Quis mostrar às elites que não era um homem perigoso. E agora ela está mostrando a sua face.

Mas isso foi perda de tempo. Sabe por quê? Porque os ricos e super ricos são uma minoria. O povo brasileiro é a maioria. Os pobres são a maioria. Em lugar de morar debaixo das pontes eles devem partir para as calçadas.

Houve também a espinhosa aliança do PT com o PMDB.

Mas aí há uma injunção política. É preciso entender que se você quiser governar e ter uma maioria no Congresso evidentemente você tem de ter um aliado. E, no caso, a sigla sempre disponível é PMDB, o partido do poder. A sigla que se move conforme as circunstâncias. É normal haver, portanto, um entendimento com o PMDB. O ponto, a meu ver, é outro. Houve demasiadas concessões. E agora Lula deveria parar de falar bem do Meirelles na sua pré-campanha. Esses tipos de figuras são tristes, não funcionam. Muitas orientações da política econômica dos governos Lula e depois dos governos Dilma foram neoliberais. Lula colocou o Meirelles, porta-voz do neoliberalismo nativo, no Banco Central, e o Mantega no seu posto de ministro até o fim...

Por vezes o Lula se cercou de ministros preciosos como o chanceler Celso Amorim. Ao mesmo tempo, nomeou gente como o Meirelles, o Mantega, o Palocci. Como explicar isso?

Mino: Lula foi às vezes ingênuo. O caso do Palocci, o ex-trotskista da Libelu que virou neoliberal, é um exemplo. Palocci era o amado prefeito de Ribeirão Preto, onde já tinha feito várias porcarias. Por exemplo, privatizou até a água da cidade. A política dele não foi antineoliberal.

Evidentemente o Lula a aprovou. Palocci não poderia implementar uma política neoliberal sem a aprovação do Lula. Portanto, Palocci se dispôs tranquilamente a ir adiante. Lula preocupava-se com a política social e, por tabela, veio o Bolsa Família, a abertura do crédito, Minha Casa, Minha Vida, e várias outras iniciativas desse tipo. No entanto, a política econômica do País foi marcada por uma tendência no mínimo neoliberal. E além do Palocci, outros neoliberais como o Meirelles e o Mantega não podem ser esquecidos.

Mas ao contrário de seus antecessores, Lula implementou programas sociais importantes para tirar milhões da miséria.

Claro. Como eu disse, houve avanços sociais importantes. Mas nem por isso deixou de existir nos seus governos uma orientação básica neoliberal. Isso me parece negativo em uma análise fria. E está na origem da atual inércia do PT. Não houve a necessária operação no sentido de conscientizar o povo brasileiro. Foi a ocasião em que isso deveria ter sido feito. Não acho que a conscientização do povo se resolva simplesmente com o Bolsa Família e abrindo o crédito para os mais pobres. Foram programas sociais importantes, claro. Mas qual foi

a conquista em termos de cidadania de quem estava melhorando de vida?

A conscientização do povo e os programas sociais deveriam ter sido um processo concomitante...

Não há dúvida. Veja o resultado. Sim, houve brasileiros que entraram no ciclo do consumo. Fala-se em 35, 40 milhões. Mas os ricos e super ricos ficaram mais ricos e super ricos. Permaneceu a distância abissal que marca profundamente a monstruosa desigualdade neste País. E os coitados dos pobres já voltaram às condições de antes. Aqueles que tinham progredido já voltaram para trás.

Mas isso por conta das reformas feitas pelo atual governo ilegítimo nos últimos 15 meses.

Estamos diante de um desastre. As reformas atingem os trabalhadores. Existe uma clara entrega do Brasil ao capital estrangeiro. Enquanto um imbecil chamado Vargas Llosa, tão endeusado, coitadinho, diz que o nacionalismo é o mal dos povos. O que ele quer, ser Jesus Cristo? Cristo morreu na cruz porque ao contrário de Vargas Llosa defendia a ideia da igualdade. Quem é pela igualdade está disposto a enfrentar todos os perigos, todas as ameaças.

O Lula disse em outubro, durante a pré-campanha dele em Minas Gerais, que se eleito revogará, através de um referendo, as reformas do PEC 55 que o povo julgar inaceitáveis realizadas durante o governo ilegítimo de Temer.

Lula seria um presidente que inaugura novamente uma estação democrática. Os dois mandatos como presidente dele foram democráticos. Assim como foram os da presidenta Dilma Rousseff, até ela ser destituída. Nos governos petistas, quero sublinhar, nem tudo a meu ver foi acerto porque implementaram políticas econômicas neoliberais. Mas de qualquer maneira houve avanços sociais e ainda mais importante, a meu ver, uma política exterior excelente, de grade independência do Brasil. E sem forçar a barra inutilmente. Uma política exterior muito sutil e muito inteligente.

O balanço dos governos do PT é positivo, o que explica o nível de aprovação de Lula 78%. O PT baixou o nível de desemprego para 4,3%. Durante 12 anos de PT no governo houve um aumento real de salários para os trabalhadores acima da inflação. Foram gerados 22 milhões de empregos. Enquanto isso, a Europa gerou 100 milhões de desempregados; 40 milhões saíram da miséria. De que forma a conciliação de Lula com os neoliberais afetou esses dados?

Houve dados da política econômica do Lula positivos. Por isso digo que o Lula foi benéfico do ponto de vista social. Entretanto, também o mercado se enriqueceu incrivelmente. Os ricos e super ricos ficaram ainda mais ricos. Recentes pesquisas mostram que o abismo entre uns e os outros continua igual.

Este abismo se deve, entre outros, a falta de uma reforma tributária e de uma reforma agrária.

Nada de realmente profundo foi feito. Taxar os ricos, por exemplo. Nem passa pela cabeça de qualquer governo brasileiro. Lula taxou? Dilma taxou? Não.

No entanto, Lula não tinha maioria no Congresso para fazer certas reformas. Foi o caso da regulamentação da mídia. Na França, por exemplo, o leque de jornais de todas as ideologias existe graças às subvenções do governo. Lula me disse que fez um congresso para regulamentar a mídia. Só não compareceram a Globo e a Record. E como ele não tinha maioria no Congresso e estava em 2010, final de mandato, passou o caso para o primeiro governo da Dilma.

Mas se o país é democrático você terá inevitavelmente uma mídia a representar diferentes tendências políticas. O Brasil é o País da casa-grande.

Aqui há um monopólio disfarçado em oligopólio, sinal de que existe a casa-grande e a senzala. Somos totalmente medievais. Como você regula-menta?

Uma empresa não pode ter um número X de plataformas midiáticas como jornais, estações de rádio, canais de televisão, etc.

Mas os petistas gostavam era da Globo. Pelo amor de Deus. Adoravam aparecer na Globo. A revista *Exame* tinha mais anúncios do que a revista *CartaCapital*. A *Exame* é quinzenal e dirigida ao baixo clero das empresas. A *CartaCapital* é uma semanal de política, economia e cultura dirigida para um público geral. A *Exame* tinha mais anúncios! É para rir. Aqui não há diários, semanários e jornais de televisão da grande mídia que não sejam conservadores ou reacionários. A imprensa nanica de esquerda inexistente.

No Brasil você lê um jornal ou assiste a um noticiário televisivo e é como se tivesse lidos todos os jornais e visto todos os noticiários de TV. Enquanto isso, as pessoas continuam levando vida normal, como se não vivessem em um Estado de exceção. Na França, na Espanha e na Itália já estariam nas ruas por muito menos do que ter um presidente ilegítimo como o Temer e um Estado de exce-

ções, como diz o Pedro Serrano. Uma vasta maioria dos brasileiros parece não se dar conta que não vive em uma democracia.

Um País com tamanha desigualdade não pode ser democrático. Temos de entender isso de uma vez por todas. E tem uma imprensa alinhada toda de um só lado. Que democracia é esta? Onde existe isso? Vivemos na Idade Média até hoje. A casa-grande está aí. E a senzala é visível a olho nu. Vivemos em um regime de exceção vestido de ilegalidade. A Argentina, ao contrário do Brasil, é uma democracia. O motivo? Tem uma sociedade muito mais equilibrada. Comportou-se desde o século XIX de outra forma com a presença, entre outros, de San Martín, como já dissemos. Houve uma verdadeira guerra de independência lá. No século XX, houve uma enorme reação nas ruas contra as ditaduras. Houve sangue na calçadas. No Brasil, ditadores são nomes de viadutos. De pontes. É um negócio inacreditável a nossa leniência. A Lei de Anistia foi promulgada pelo Figueiredo em agosto de 1979. Fizeram uma Comissão da Verdade. Anistia para quem? Para os torturadores. Episódio lamentável. Vergonhoso. Portanto, aqui ainda lutamos contra a casa-grande e a senzala. Lutamos

contra essa desigualdade monstruosa. A desigualdade no Brasil gera violência. No ano passado, foram mortas mais de 60 mil pessoas. Sete assassinios por hora. Este País pode ser democrático? E os ricos e super ricos levantam muralhas em torno de suas vivendas. Vivem em condomínios fechados. Andam de helicóptero com medo de serem sequestrados e para evitar o trânsito. Seus carros são blindados. Assim como proliferam os valet parking no Brasil, existe uma caterva de seguranças engravatados enquanto os patrões deles andam de bermudas. É um País ridículo. Somos ridículos. O Bobbio define admiravelmente essa questão. Ou seja, quem é a favor da igualdade é de esquerda. Mas você tem de ser sincero nessa sua escolha. Não pode ser um palavrório inútil. Tem de ser algo muito bem definido. No Brasil quem é a favor da igualdade com absoluta clareza? O movimento sem teto, o MST, algumas pessoas certamente. Mas a esquerda brasileira não existe. O PT nasceu como um partido de esquerda. Mas no poder portou-se como? Um partido de esquerda?

Mas agora o Lula fala em conquistar a casa-grande. O discurso dele e do PT deu uma guinada para esquerda. Parece que o PT aprendeu a lição.

Discordo. O PT não aprendeu a lição. E não produziu grandes lideranças. Algumas figuras se esforçam. O Lindenbergh Farias, por exemplo. O Requião não é petista, mas faz o diabo. São figuras isoladas.

Nos Cadernos do Cárcere, Gramsci fala no impacto no povo por parte de acadêmicos, intelectuais e jornalistas via faculdades, textos, cinema, rádio e da imprensa escrita. Ironia das ironias, no Brasil essa revolução passiva para atingir ideais hegemônicos igualitários, no entanto, parece ter sido realizada pelos neoliberais. O Brasil tem intelectuais capazes de inverter o quadro?

Há vários. O Bosi, por exemplo. O almirante Othon, preso pela Lava Jato. Figura de grande peso internacional. O Fiori é um cara agudo, ótimo, sobretudo quando se trata de política internacional. O consenso de Washington foi feito contra ele. Eis um intelectual muito capaz e ativo. O Wanderley dos Santos é outro intelectual muito envolvido. O Roberto Amaral, o Celso Amorim. O Pedro Serrano é o mais arguto definidor desse golpe e as suas consequências. Sem falar do Boulos, que é realmente de esquerda e faz um bom trabalho. Dentro do PT, eu já disse, tem o Lindenbergh Farias. O Requião, do PMDB, é um lutador infatigável. E

existem vários outros na Facamp, na Unicamp e na USP, entre outras universidades.

No entanto, eles não conseguem fazer esse trabalho de conscientização.

Creio que conscientização é um verbo de outros tempos. Queremos que os leitores falem com seus parentes, seus amigos, etc. E diga “Olha gente, vamos botar a cabeça no lugar”. Mas, no caso específico dos conscientizadores, eu acho que aí a falha foi em grande parte do PT, dos governos do PT. E de modo geral as falhas, temos de reconhecer, são de todos aqueles que se disseram de esquerda e não militaram ou tiveram atuação política em linha com sua ideologia.

O Lula me falou em nossa entrevista que há um declínio da política. A meu ver isso ocorre devido a ditadura do capital ter afastado a política, políticos e partidos do povo. Isso explicaria movimentos como “Indignai-vos”, de Stéphane Hessel. Teve forte impacto nos espanhóis que votaram no Podemos. Houve o movimento contra o mundo financeiro, Occupy Wall Street. Outra agremiação tentou romper com partidos em sua maioria caducos: O Syriza, uma aliança de movimentos de esquerda e ecológicos liderada por Tsipras, na Grécia. Nós concordamos que antes da forte possibilidade de o Lula perder em segunda ins-

tância, seria necessário um movimento nas ruas. Repito uma pergunta anterior, visto que repetir é crucial para que as pessoas entendam, como dizia o pensador e jornalista radical do século XIX Mazzini. Esse movimento no Brasil seria liderado pelo PT, sindicatos, MST, Sem-Teto, e outras siglas progressistas?

Mino: Creio que antes da sentença pela segunda instância, seria importante que houvesse manifestações. Dia 12 de novembro, quando entrou em vigor a nova Lei Trabalhista com todas as suas maldades e malignidades, teria sido uma grande ocasião para os trabalhadores saírem nas ruas e fazerem um barulho do capeta. O Lula é uma liderança forte. Segundo uma pesquisa do dia 14 na Vox Populi, o Lula passou os 40 por cento de aprovação. Isso mostra o poder dele. Acho que cabe a ele engajar o povo. Em primeiro lugar, os trabalhadores, isso com o apoio dos sindicatos, que não lhe faltaria. Por ora, os trabalhadores estão quietos. Esse País é estranho. Existe o povo, mas existe também o povão para estabelecer a diferença. Qual é a diferença?

O povo é a nação, que teoricamente não existe. O povão são os coitados. São a malta infecta. Rude e ignara. Esse é o conceito. Mas de qualquer maneira, o povo tem de fazer uma pressão tamanha para assustar essa gente. Alguns episódios novos

estão acontecendo. Por exemplo, o movimento tomataço. Atiraram às pamparras tomates no ministro Gilmar Mendes, que foi assistir um jogo de futebol. Mendes aprovou, entre outras coisas, essa concessão notável aos ruralistas: o trabalho escravo. Isso na verdade interessava em primeiro lugar ao Temer, que comprou os votos de deputados da bancada ruralista para que votassem na permanência dele no poder na segunda votação no Congresso. E assim, Temer evitou uma segunda tentativa para que fosse destituído.

O Gilmar Mendes está te processando.

O Gilmar Mendes me processa na primeira instância. Se por acaso eu for condenado recorrerei. Ele me processa por causa de um editorial em que o chamo de “besta”. A meu ver, em um país civilizado e democrático um jornalista, pode dizer que o cara é uma besta. Agora, o Gilmar é o Darth Vader brasileiro. Quando põe aquela capa preta de juiz ele encarna o figurino na perfeição. À juíza que me interrogava eu disse isso. Ela começou a rir. Há magistrados bem-humorados no Brasil.

Como explicar essa comparação entre a Lava Jato à operação italiana Mani Pulite (Mãos Limpas)?

O grande cara era o Borelli, chefe da força tarefa. O magistrado Colombo disse: “Se nós tivéssemos feito aquilo feito por vocês na Itália seríamos nós, magistrados, que terminaríamos na cadeia”. Textual. E afirmou ter deixado de ser juiz porque percebeu o seguinte: O combate à corrupção não funciona com operações como *Mani Pulite*. Não funciona. Hoje a política italiana está tão corrupta quanto era antes da operação Mãos Limpas.

Mas houve um peso pesado como o neosocialista Bettino Craxi que fugiu para a sua villa na Tunísia. Protégé de Craxi, o Berlusconi se candidatou a premier para conseguir imunidade política no início dos anos 1990. Mãos Limpas teve um impacto tremendo.

Houve uma mudança brutal. Mas o Colombo disse aqui no Brasil que essas operações não funcionam. É a opinião dele. De fato, manter pessoas na cadeia anos a fio é uma forma brutal de tortura. É uma coisa inconcebível do ponto de vista jurídico. Um preso tipo Marcelo Odebrecht entrega a mãe dele. Diz que a culpa é toda da mãe em uma delação premiada.

O doleiro Funaro diz que ele pegou dinheiro do Cunha para oferecer propinas no Congresso com o fim de apoiar

o impeachment de Dilma. Essa não foi uma delação importante?

Claro. Mas o Funaro foi preso faz pouco tempo e já se prestou a delatar. A prisão de gente da Odebrecht, por exemplo, é diferente. Estes são presos por anos e anos com o objetivo de entregarem até a mãe deles. Isso é tortura. Mas veja: a delação premiada pode funcionar no caso do terrorismo. Na Itália, os *pentiti* (arrepentidos) mafiosos delataram outros mafiosos e funcionou muito bem. Mas o *pentito* que delata é diferente do Marcelo Odebrecht. E agora os atuais senhores do poder, ou melhor, as quadrilhas no poder, não querem a Lava Jato. Só querem é a pele de Lula.

G Lula diz que quando assumiu o poder, em 2002, a bolsa de valores de São Paulo tinha 11 mil pontos. Quando ele deixou o poder ela tinha 71 mil pontos. Ele não sabe se agora as elites estão com raiva dele “por razões ideológicas ou se é uma questão de pele”. Por que esse ódio em relação ao Lula por parte dessa elite empresarial e financeira?

O ódio em relação ao Lula existe em primeiro lugar devido a uma pressão norte-americana e é puramente ideológica. Por quê? Porque o Lula é considerado um líder perigoso que representa um certo

tipo de esquerda que não agrada aos Estados Unidos. Esse é o ponto inicial. Por quê houve o golpe de 1964? Já então os Estados Unidos tinham aversão à esquerda brasileira. No Brasil o golpe contra o Lula também foi motivado por essa questão ideológica. Mas também por uma questão de pele. E o ódio de classe. Lula representa quem? A senzala. Aos olhos dessa gentilha o Lula é a senzala. É a figura central da senzala. Figura que tem esse poder de ganhar eleições como um candidato imbatível. E tem o poder de convocar as massas. Ele mobiliza. Isso é apavorante. Por essas e outras, eliminemos o Lula para o pessoal da casa-grande ficar contente. A começar pelos Estados Unidos. O que querem os norte-americanos? Ser súditos. Querem entregar o País oferecendo-o a preço de banana ao capital estrangeiro. Ou seja, o Brasil adota uma postura entreguista. E os Estados Unidos são os súditos, os nossos protetores.

Você falou em ódio de classes.

No Brasil o preconceito de classe é brutal. Temos Sowetos espalhados por todo o País. Nas cotas de ingresso nas faculdades, as escolas bem pagas, a educação no Brasil é uma vergonha. Quem acaba na cadeia no Brasil são em primeiro lugar os ne-

gros. Depois pobres. Coloque, por exemplo, o Ronaldão, tão amado, inclusive pelos ricos, que o veem como um negro de alma branca, à meia-noite na esquina do Colégio Dante Alighieri com a Peixoto Gomide, em São Paulo. Passa a Rota da Polícia Militar. Eles o pegam e o atiram dentro da perua. Não tem erro.

Esse racismo envolve a classe social e a cor do outro.

Aqui existem duas formas de racismo gravíssimas e claríssimas. Uma é o racismo racial. O outro é o racismo social. Estão entrelaçados. Mas, digamos, o coitado branco também está estrepado devido ao racismo social.

Esse sadismo das elites, escreve Gilberto Freyre, remonta à crueldade dos filhos dos donos da casa-grande que brincavam com inaudita violência com os moleques, os filhos dos negros da senzala. Os meninos brancos usavam os moleques como cavalos, davam chicotadas neles e por aí vai. Freyre escreve: “Não há brasileiro de classe mais elevada, mesmo nascido e criado depois de oficialmente abolida a escravidão, que não se sinta aparentado do menino Brás Cubas na malvadeza e no gosto de judiar com negro. Freyre fala em “deleite mórbido”. Isso explicaria esse atual ódio pelo povo.

Acho perfeito. A esquerda brasileira execrou o Gilberto Freyre porque era um liberal conservador à moda antiga nas suas posturas ideológicas. E veja que descrição perfeita. E as esquerdas são contra as duas obras-primas do Gilberto Freyre.

Você prefere Sobrados e Mocambos.

Acho ótimos os dois livros. Nós também temos os sobrados e mocambos, os castelos e as favelas.

Concorda que as elites têm mais consciência de classe do que o povo?

O povo brasileiro não tem consciência de classe. Um pouco, talvez, em certos níveis. No fundo, não existe preconceito racial e social por parte do povo. Socialmente são todos iguais, mais ou menos. Agora, eu me pergunto. Os avanços sociais conseguidos levaram à formação de um cidadão beneficiado? Criaram a consciência da cidadania? O sujeito beneficiado não tem noção da sua condição de cidadão. Sua ideia da cidadania não é formada. Ele votará provavelmente em Lula porque foi beneficiado. Mas isso não significa que ele tenha consciência da cidadania. O que caracteriza um povo é a consciência da cidadania de todos. O brasileiro não é um cidadão.

Segundo Lula, a chave é o mercado interno para que o povo possa consumir.

O Lula tem razão em acreditar no mercado interno. Esse povo espezinado é um tesouro. Se você permite que o povo evolua você eliminará o abismo entre pobres e ricos e terá um bom consumidor. Isso será a força do País. Agora, uma política agrícola é muito menos importante do que uma política industrial. De qualquer maneira. Sem contar que o Brasil exporta soja e o minério de ferro. E os preços desse tipo de commodities caíram. E agora, como exportador de petróleo, o Brasil vai deixar de ganhar o que poderia. Privatizada a Petrobras, essa receita irá à Exxon e a outras empresas estrangeiras. O que interessa é uma política industrial. Mas a indústria brasileira foi destruída. Esse País, a décima quinta potência industrial do mundo a certa altura de sua história, e durante uns trinta anos, foi liquidado. Getúlio Vargas se suicidou em 1954 porque queriam que ele fosse embora. Mas não deu certo porque em seguida veio outro desenvolvimentista, o Juscelino Kubitschek. Em seguida, o Jânio renunciou. Aí veio o golpe que derubou João Goulart em 1964. O Jango realmente

tinha planos para uma reforma de base que puseram os ricos em polvorosa.

Com o golpe de 1937, Getúlio criou uma infraestrutura para o desenvolvimento industrial. Isso é fundamental para a criação de uma economia forte, como o sabem bem os líderes alemães, italianos e franceses, entre outros.

A industrialização foi o caminho que ele buscou e era na época o caminho para o desenvolvimento. Dentro desse conceito ele criou em primeiro lugar Volta Redonda, que produz aço. Depois consolidou as leis do trabalho. Depois criou o salário mínimo, que à época era muito superior ao salário mínimo atual. Em suma, ele criou as bases efetivas para uma industrialização. Essas bases serviram realmente para que o Brasil se tornasse entre Getúlio e Jango a décima quinta potência industrial do mundo. De longe a maior da América Latina. Foi um período importante. Getúlio depois caiu, mas voltou. E procedeu no caminho de 51 a 54. Criou a Petrobras em 1952.

Lembro de uma entrevista que fiz com o Abílio Diniz em 2012 na qual ele dizia maravilhas sobre o Lula e a Dilma. E agora leio que o Diniz, o Armínio Fraga, o Nizan e o Huck criaram o “Foro Cívico” para apoiar candidatos.

Os candidatos confiáveis a eles.

Descartar o Lula por um governo ilegítimo e apoiar um novo candidato neoliberal é uma inenarrável forma de oportunismo. Diniz badalou o Lula no poder e depois quando não está no poder se junta a esses empresários para inventar o candidato deles.

Trata-se de gente que não sabe reconhecer os méritos do Lula. O Armínio Fraga não colocou nessa equação de gente vira-casaca. Sempre foi um neoliberal. No entanto, quando ainda estava no Pão de Açúcar, o Abílio ganhou dinheiro como nunca na época do Lula porque havia abertura de crédito para gente que antes não gastava começou a gastar, inclusive nos supermercados dele. E ele ficava entusiasmado. Hoje essa gente não quer reconhecer os méritos do Lula. Aceitaram o Lula porque era o homem da vez. E porque o Lula é também um homem cativante, charmoso. O carisma do Lula pode ser muito sedutor.

Temos também o Scaff, da FIESP. Ele fala em estabilidade da economia sob Temer.

Esse Scaff nem é empresário. Trata-se de uma figura terrível, caricata, entre outras coisas. Faz parte de uma gente com rostos patibulares, expressões trágicas. Esses são as pessoas que nos cercam no poder. Veja as sessões no Congresso ou no Su-

premo Tribunal Federal. As reuniões dos supostos guardiões da lei. É impressionante a pobreza. A pobreza intelectual, cultural, a mediocridade primitiva das pessoas. E todos certos de sua importância. Todos incapazes de qualquer lance de autoironia. Grotescos. Cafajestes. Primários. Primitivos.

Segundo Lula, a direita está tentando criar um novo candidato, visto que não há nenhum.

Essa tentativa existe. A questão é a seguinte. Os candidatos existem em função de Lula. Então hoje, nesse momento, o candidato mais forte depois de Lula é o Bolsonaro. O Bolsonaro tem menos da metade de intenções de voto do que Lula. Mas ele é o mais forte na oposição. Por isso digo que não haverá eleições se o Lula vencer. A turma no poder não vai achar um candidato para disputar o pleito contra o Lula.

É difícil compreender a ascensão da extrema-direita no Brasil. O deputado Jair Bolsonaro promete maior segurança, quer armar o povo.

Te pergunto: Como explicar o movimento evangélico no Brasil?

O movimento pentecostal apoia o Bolsonaro.

Bolsonaro é um retrógrado. Primitivo. Se ele fosse presidente, instituiria o ensino do criacionismo nas escolas. No tempo da ditadura ensinavam moral e cívica. Teremos o criacionismo. É um delírio absoluto. A recente exposição de quadros onde aparecem nus no Masp em que foi proibida a entrada de menores de 18 anos foi uma aberração. É como se colocassem na porta da Capela Sistina, em Roma, onde há, entre outros, um Adão nu, uma placa proibindo a entrada de menores de 18 anos. Crianças não podem ver o Adão nu.

Essa mentalidade cultural explicaria a ascensão de Bolsonaro?

Falam no fascismo de Bolsonaro. Mas não é por aí. Bolsonaro representa antes de mais nada uma espécie de facínora eleito para ser deputado. Toma as posições mais retrogradadas que se possam imaginar. Certamente acredita no criacionismo. Ele não existe sem o Lula. O Lula vai ser o pior entrave de quem está no poder.

E os outros candidatos?

Não existem. O Doria não passa de um coitado. Um marqueteiro. Não dá para levá-lo a sério. Demonstra o nível em que se encontra esse País. E estão cogitando até Luciano Huck. Dá para acredi-

tar? Veja ele em ação. É penoso. O Alkmin, como candidato a presidência é um perdedor. Conseguiu ser governador. Os tucanos estão em São Paulo há 24 anos.

Esse reacionarismo de São Paulo remonta à chamada Revolução de 1932?

Remonta ao fato de que era a locomotiva, em primeiro lugar. A locomotiva carrega o comboio. Leva o comboio a se arrastar sobre os trilhos. No início do século XX os cafeicultores, os comissários do café, eram os donos de São Paulo. Era uma turma brutal. À época houve uma leva imigratória bastante positiva. As greves de 1907, 1909, 1917 foram importantes. Os organizadores foram 400 anarquistas. Altino Arantes, já governador de São Paulo, os deportou. Mandou-os de volta para a Itália. Outra imigração positiva como a japonesa não representava entrave político. Com os anarquistas o operariado começou a se manifestar. Mas quando foram deportados o reacionarismo afundou as suas raízes aqui de forma extraordinária. Culminou com a Revolução de 1932. Eles chamam de revolução, mas era um movimento separatista. O Brasil não estava, porém, maduro para uma guerra de secessão.

Esse ódio ao imigrante por parte dos chamados “quatrocentões” não pode ter sido projetado contra o nordestino, e no caso contra Lula?

Durou muito tempo esse ódio ao imigrante. Mas contra o Lula, nordestino, diminuiu. Tomou outra forma. Encaixou-se no ódio de classe. Antes, essa repulsa ao nordestino foi muito mais forte. Não houve políticas para segurar os nordestinos nas terras deles. Nunca houve. E teria sido importante oferecer a eles condições melhores de vida e de desenvolvimento.

Do ponto de vista jornalístico, é importante entender como funcionaria um movimento de reação do povo. A chamada “Primavera Árabe”, uma invenção do Ocidente que não resultou em nada significativa, foi organizada via redes sociais. O Donald Trump ganhou a presidencial bastante ajudado pela Rússia, que teria produzido 80 mil posts que atingiram 126 milhões de pessoas nas redes sociais, segundo a BBC. No Brasil, as esquerdas participam muito nas redes sociais.

Aqueles que acreditam ser de esquerda.

Há raros esquerdistas. Mas permanecem escudados pelos seus computadores e celulares. O próprio Lula tem uma participação importante nas redes sociais. No entanto, os jornais e revistas reacionárias ainda dão as cartas. No

último ano, disse o Lula, houve 56 capas de revista contra ele. Como organizar esse movimento de revolta para um restaurar uma democracia diante do poder desses jornais?

Os jornais, de fato, têm tido muito êxito nessa campanha anti-Lula e anti-PT. Refiro-me à mídia impressa, mas acho que funciona sobretudo a Globo. Funciona sobretudo a televisão, que alcança sobretudo os pobres. Pobre não tem acesso à televisão a cabo. E, portanto, assiste os canais nacionais. E a televisão também está toda contra Lula. Portanto, Lula está sujeito à televisão.

Entre as pessoas mais ricas do Brasil encontram-se os três Marinho, filhos do suposto jornalista Roberto Marinho. Teriam entre eles, os três irmãos, uma fortuna estimada em 11,3 bilhões de dólares. Segundo o Marcos Coimbra, o Roberto Marinho engoliu o “sapo barbudo” achando que ele não teria folego na política. Não foi o caso. E agora os sucessores dele querem “destruir a imagem pessoal e política do ex-presidente”. O Lula me disse que no último ano houve 20 horas de jornal da Globo contra ele. A Globo, sabemos, faz campanha também contra o Temer, mas o que querem mesmo é a pele de Lula.

Atacam o Temer por razões morais. Não é possível que o presidente ladrão continue no cargo. Mas a

Globo também faz campanha contra o Temer porque ele já foi condenado. Não tem nada a ver com o anti-Lulismo deles. Eles são contra o Lula. Contra Temer e contra o Lula. Vamos entender claramente. Os Marinho querem colocar no poder um cara mais ligado a eles. Chega de intermediários.

É estranho a mídia internacional, salvo raras exceções na Europa, estar silenciosa a respeito do golpe contra Dilma, o julgamento ilegal de Lula, e a essa ausência do Brasil no cenário global.

Em primeiro lugar o Brasil é muito distante. E não é fácil para o Europeu entender o que está acontecendo. Ironicamente, isso prova que a casa-grande está de pé. E isso significa que o Brasil está na Idade Média. A mídia europeia, como você diz, não entende isso. Veja o quadro: um golpe perpetrado pela aliança entre Executivo, Legislativo e Judiciário. E jogando no lixo a Constituição de 1988 que, certa ou errada, perfeita ou não, completa ou não, é a Constituição. Associe-se a tudo isso uma mídia completamente alinhada contra o Lula e contra o PT, e, portanto, apoiando os Três Poderes da República. E, ainda, há setores da polícia transformados em jagunços da casa-grande. Expli-

que isso para um Europeu. Ele não tem condições de entender uma situação dessas.

Financial Times e o Wall Street Journal, por exemplo, estão felizes com a “estabilidade econômica” sob Temer. E, por tabela, aplaudem a privatização da Petrobras. É a ditadura do capital?

É a ditadura do capital. O neoliberalismo quer isso. É um desastre absoluto. E no Brasil esse desastre assume proporções gigantescas. Isso porque o golpe favorece somente os ricos e os super ricos. Nada além deles. E esse povo espezinhado precisa sair às ruas. A conciliação na qual o Lula já acreditou é impossível. Nós temos de botar isso com clareza nas nossas cabeças. Se o candidato de Lula ou qualquer outro que possa alterar o plano golpista engendrado durante o primeiro mandato, a partir da Lava Jato, haverá um golpe dentro do golpe. Com o apoio dos Estados Unidos.

Lula seria ainda o único a poder comandar o País em nível internacional?

Quando governou o Brasil o Lula foi uma estrela internacional. Em 2009, a prestigiada revista norte-americana *Foreign Policy* disse que o Celso Amorim era o chanceler mais importante do mundo. Acho que a atual falta de lideranças depende muito

dessa ausência da política, que o Lula com razão aponta. Por conta disso, é difícil que surjam lideranças se a política sofre. Mas chamo a atenção para lideranças que estão nascendo no mundo. O Corbyn e uma liderança forte no Reino Unido. Idem o Mélenchon, na França. O jovem italiano Speranza, de 40 anos, é uma liderança nascente. Essa situação na qual o mundo todo se sujeita à força do capital provoca novas lideranças. E surgirão outros e outras que tomarão a defesa do Estado democrático. Inevitavelmente. O Varoufakis, ex-ministro de Tsipras, é o exemplo de um homem que pode influenciar mudanças econômicas e políticas. Quanto ao Lula, ele colocou o Brasil no mapa através de uma política internacional independente.

Trump não gostaria de uma vitória do Lula, mas o Obama e o ex-presidente brasileiro se davam bem.

Se davam bem. Mas a postura muito independente de Lula a era difícil de ser apreciada também por Obama. A construção dos BRICS e outras situações não poderiam agradar os Estados Unidos. O Lula, outro exemplo, foi a Israel e tomou uma posição muito clara pró-Palestina. E ao mesmo tempo tudo aquilo que se fez em termos de política inter-

nacional foi a meu ver de uma forma muito correta.

O Celso Amorim me disse em entrevista recente que antes do Lula o Brasil jogava na segunda liga, e poderia até mesmo ser o primeiro na segunda liga. Mas sob Lula o objetivo foi passar para a primeira liga. E fizeram isso. Amorim disse que a política externa de Lula na América Latina, na África e no Oriente Médio incomodou os países ricos. Entre outros feitos houve as negociações que aproximaram o Ocidente do Irã, em 2010, capitaneadas pelo Brasil e pela Turquia. Graças a esse pré-acordo, copiado depois pelos Estados Unidos, temos hoje negociações entre a chamada “comunidade internacional” e Teerã. Claro, o Trump está tentando acabar com tudo isso.

Depois de concluído com sucesso o pré-acordo, os Estados Unidos não acharam graça. Mas houve, neste caso, uma carta do Obama respondendo ao Lula e o autorizando a agir, ou pelo menos louvando a iniciativa. Essa carta precedeu a ida a Teerã.

Por sua vez, o Fernando Henrique era submisso internacionalmente. Adorava os norte-americanos.

Completamente. Clinton o abraçava toda hora.

A voltamos ao poder dos mercados, o que explicaria a submissão de Fernando Henrique aos países ricos.

A privatização, quero dizer roubalheira sob Fernando Henrique, foi aplaudida pelos países da chamada “comunidade internacional”. Agora vem aí a privatização da Petrobras. E o que foi a licitação do pré-sal? Quando você tira o pré-sal da Petrobras você diminui o valor da Petrobras de uma forma brutal. E vão vendê-la a preço de banana. Aliás, o Fernando Henrique queria privatizar a Petrobras quando era presidente.

Objetivo concretizado sob Temer.

É a grande vitória tardia de Fernando Henrique. É algo assustador. E por que um professor universitário, aposentado, tem um apartamento em São Paulo de 1 mil metros quadrados de construção no bairro nobre, como se diz aqui, de Higienópolis, e uma fazenda de 500 alqueires. Não estamos falando em um ridículo triplex na praia de farofeiros das Astúrias. Ou de um sítio em Atibaia com vista para a favela. Os social-democratas brasileiros não são os social-democratas do Willy Brandt. Eles são o esteio da extrema-direita, de um reacionarismo feroz. São a favor, são o instrumento da casa-grande. Envolvidos, inclusive, até o talo no golpe. Não há demonstração mais clara.

Causa estranheza o fato de os críticos de Lula sempre dizerem que Fernando Henrique colocou ordem econômica no País.

Esses críticos pensam na estabilidade da moeda. Valendo-se de alguns economistas espertos, o Fernando Henrique conseguiu obter uma certa estabilidade. Na origem o plano de estabilização se inspirou em uma manobra israelense de muito tempo atrás: a de valorizar a moeda para torná-la mais segura. Trata-se de um mecanismo complexo que alguns economistas armaram para o Fernando Henrique, que desconfio não entender nada de economia. Desconfio. De qualquer maneira, o que aconteceu? Já no governo de Itamar Franco, Fernando Henrique, então ministro do Exterior, essa manobra israelense foi implementada e a moeda foi estabilizada. Aos fatos. Durante o primeiro mandato de Fernando Henrique houve o craque russo e o Brasil quebrou. Para conseguir sua reeleição o Fernando Henrique comprou votos porque a Constituição tinha de ser modificada para uma maioria expressiva do Congresso. Conseguida a mudança constitucional, ele fez uma campanha eleitoral com a bandeira da estabilidade. O Roberto Marinho acreditava. Nem se fale da Miriam Leitão.

Foi um delírio: estabilidade, estabilidade, estabilidade. Doze dias após a posse, ou seja, já reeleito, no dia 12 de janeiro de 1999, Fernando Henrique desvalorizou o real. Medida que abriu um rombo na empresa da Globo. E o Fernando Henrique Cardoso quebrou o Brasil novamente. Quando o Lula chegou ao poder, os cofres do Estado estavam vazios. O Brasil devia mais de 200 bilhões de dólares. O Lula pagou tudo. E mais: encheu as burras do Estado. Colocou muita grana nos cofres. O Estado tinha lastro mesmo. Forte. Como podem tecer elogios sobre a política econômica do Fernando Henrique? Ele quebrou o Brasil. E a privatização das comunicações foi a maior bandalheira do Brasil. Agora não sei o que essa turma no poder fará. Tenho a impressão que enquanto a bandalheira do Fernando Henrique foi muito bem armada, essa me parece de uma mediocridade lancinante. Eles são ladrões de uma forma diferente.

Agora a roubalheira é mais transparente. Vemos pessoas correndo com malas repletas de dinheiro. E de todos os partidos.

É isso.

Você falou sobre os policiais federais que se comportam como jagunços dos poderosos.

Mino: Largos setores da polícia federal aderiram ao golpe de maneira absolutamente vergonhosa. Apoiaram o impeachment de Dilma e ofereceram proteção a quem não merece. E estão prontos a se engajar em qualquer tipo de operação.

Um militar já se expressou em casa maçônica sobre uma possível intervenção.

Não acredito em uma intervenção militar. E não sei como se comportariam se o povo saísse à rua para protestar e mesmo e disposto a brigar. Não sei como se comportariam em caso de desordem, que de certa forma prefigura princípio de guerra civil. Essa é uma incógnita muito séria. Creio que os militares, salvo uma ou outra exceção, têm se portado muito bem. Por ora, essa é uma força que age dentro da Constituição. Permanecem fiéis ao papel Constitucional deles. O que não impede que apoiem as quadrilhas no poder. Os poderosos foram generosos com os militares. Por exemplo, restabeleceram a justiça militar para lidar com crimes cometidos por soldados brasileiros. E vale lembrar que os soldados brasileiros foram enviados ao Rio de Janeiro para realizar uma operação. O próprio chefe do Exército diz: “Soldado não é polícia”. Isso, inclusive, diminui o papel do soldado.

De qualquer modo, se os soldados derem uns tiros mal dados o tribunal militar os julgará. É uma aberração.

Por outro lado, os militares podem se voltar contra os poderosos. Defendem a Petrobras, por exemplo.

São nacionalistas. Essa história do pré-sal certamente os irrita muito. Por ora, respeitam, como eu disse, a Constituição. Quem não a respeita são os Três Poderes. Juízes da Alta Corte permitiram um impeachment sem motivação. Permitiram que Lula seja condenado sem provas. Uma história nefanda. Soltam criminosos.

No golpe de 1964 houve tanques para derrubar o João Goulart.

Em volta de Jango havia esquerdistas sinceros. As chamadas reformas de base, a plataforma de Goulart, eram coisa séria. Era exatamente taxar os ricos, reforma agrária em profundidade e assim por diante. Era um governo de esquerda. E havia gente de esquerda. Não comunistas. Gente de esquerda no sentido de reformadores do País. Reformadores que queriam liquidar o imenso abismo que separa ricos e pobres. Queriam acabar com a casa-grande e a senzala.

Washington viu a situação de outro ângulo.

Os Estados Unidos ofereceram suporte bélico, se precisassem. John Kennedy, esse gênio da lâmpada, era um desastre. Kennedy é uma história inventada.

No golpe de 1964 houve o apoio das elites que derrubaram um governo de centro-esquerda, no qual o Estado controlava a economia. No golpe de 2016, sem tanques, o mercado quis dominar o Estado. Esse último golpe me parece mais sutil.

O golpe de 2016 foi diferente e adequado ao contexto político no Brasil e no mundo. Mas veja: o golpe de 1964 foi um golpe desfechado pelos militares, chamados pelas elites, haja visto os editoriais do Estadão na época, ou do Globo. Os militares foram chamados pelas elites para fazer o serviço sujo. Depois talvez os militares tenham gostado bastante de estar lá em cima. Na verdade, o golpe de 1964 é civil e militar. Porque a deixa sai das elites. O povo não soube como reagir, mas começou a medrar uma espécie de resistência que depois se fortaleceu. Por parte dos ditadores, havia aquela hipocrisia de manter um sistema eleitoral. Finalmente o AI5, em dezembro de 1968, confirmou com clareza o golpe. Os militares ganharam então plenos poderes. Com o golpe den-

tro do golpe o Congresso foi fechado para reabrir depois de algum tempo. Houve cassações às pamparras, mas nem por isso a oposição arrefeceu. E o MDB, comandado pelo Ulysses Guimarães aglutinou todos os opositores. Alguns partiram para a luta armada e, no caso, morreram mais de 400 e foram torturados quase 2 milhões. Este é o resultado dessa tentativa de luta armada. A qual, de resto, os comunistas rejeitaram. O partidão brasileiro era contra a luta armada. Quem se estre-pou lutou pela volta do regime democrático. De qualquer maneira, a ditadura foi um episódio que hoje deveria ter fortalecido o anseio pela democracia. Bem, o que de fato demonstra em primeiro lugar a diferença entre os dois golpes são os meus sentimentos. Naquele tempo, mesmo perseguido pela censura, eu tinha grandes esperanças de que chegaríamos finalmente a reencontrar o caminho, aliás, a encontrá-lo de uma vez por todas. O Brasil havia atravessado um período econômico muito favorável de Getúlio Vargas a Jango Goulart. Foi quando o Brasil chegou a ser a décima quinta potência industrial do mundo. O que talvez até explique porque acabou surgindo, já em tempos de ditadura, uma nova geração de líderes sindicais. De alguma forma estava se criando, ainda que de

forma muito confusa, incerta, um proletariado. O proletariado sempre foi a bucha de canhão da esquerda. Para mim, foi um período de esperança.

Inclusive do ponto de vista jornalístico.

Claro. As coisas estavam entrelaçadas. O golpe e a ditadura que resultou estranhamente me mostraram a serventia do jornalismo, isto é, dos jornais e da Globo. Por isso, senti que as publicações alternativas poderiam mostrar a utilidade do jornalismo. A época, eu tinha lido um ensaio da Hanna Harendt sobre a importância do bom jornalismo honesto. Aquele ligado efetivamente àquilo que podemos chamar de verdade factual.

Com o AI5, em 1968, você dirigia a Veja. Ou seja, a censura estava longe de ser uma brincadeira.

A *Veja* era a maior revista de oposição. Não digeriu a ditadura. Era uma revista postada contra a ditadura. Foi censurada. Mas te digo uma coisa: essa história da censura é inacreditável nesse País. É contada de uma maneira realmente singular. Leia os artigos da *Folha*, do *Estado* e do *Globo*. Narram os tempos de chumbo. Aonde? Eles nunca foram censurados? O *Jornal do Brasil* nunca foi censurado. O *Estadão* foi censurado porque os dirigentes do jornal queriam o Lacerda na presidência. No en-

tanto, o Lacerda acabou cassado ao criar uma ampla frente com o Kubitschek e o Goulart. Foi assim que teve início a censura contra o Estadão. A censura era feita na redação do Estadão e os buracos deixados pelas tesouras censoriais eram preenchidos com versos de Camões. No *Jornal da Tarde* publicavam receitas de bolo. O resto não foi censurado. Quem foi censurado realmente? *Veja* e os alternativos. E censura feroz. Muito feroz.

Quando o teu entusiasmo pela abertura levou uma ducha fria?

Quando vi a chamada redemocratização percebi que tinha me enganado redondamente.

A partir de 1985?

Quando Figueiredo sai pela porta dos fundos do Planalto, e caminhamos para a eleição do Collor.

Com o apoio da Globo.

A Globo e a *Veja*, entre outros, apoiaram o “caçador de marajás”. Foi então que senti que tinha errado tudo. A minha esperança estava sem fundamento. Veio então o Sarney. Depois tivemos o Collor. E o Fernando Henrique Cardoso, uma calamidade. O governo mais corrupto da história do Brasil. Depois finalmente foi eleito o Lula, em 2002.

Quando você começou a se interessar pelo Lula?

Comecei a ouvir falar do Lula porque preparava-se a greve de 1978. Um repórter da revista *IstoÉ*, Bernardo Lerner, irmão do David Lerner, petista da velha guarda que vinha do PTB de Pasqualini e Brizola. O David Lerner falou bem do Lula para o irmão Bernardo e para mim. Ele disse: “Olha, esse cara é muito interessante. Valeria a pena falar com ele”. Lá fomos nós, o Bernardo Lerner e eu, ao sindicato de São Bernardo e Diadema. Ao entrar no sindicato logo notei uma reprodução do quadro do Pelizza da Volpedo, *O Quarto Poder*, título que não se refere a imprensa, mas aos trabalhadores. O que mostra o quadro? Um senhor enchapelado, barbudo, cabeludo na frente do povo. E aí o Lula vem ao meu encontro. Parecia que tinha saído do quadro. Faltava o chapéu. Descrevi essa cena no meu livro, *O Brasil*. Lula e eu tivemos uma longa conversa e fiquei muito impressionado. A primeira coisa que impressiona no Lula é o seu senso de humor, característica muito importante. Sabe lidar com a ironia. E tem definições muito boas e transparentes em relação a vários temas. Revelou-se eloquente sobre a política naquele momento da ditadura sob o Geisel. Foi uma conversa

muito boa. Falamos sobre a vida dele desde o começo. Desde a viagem no pau de arara de Garanhuns a São Paulo, sobre a mãe faxineira que aqui em São Paulo cuidava de oito filhos. Lula falou do único irmão dele que se interessou por política, o Frei Chico. O comunista. Foi do PCdoB. Recentemente encontrei com ele. Frei Chico estava saindo do Instituto Lula e eu chegava. Eu conhecia bem o Chico. Fui à casa dele várias vezes.

Segundo o Lula, o Frei Chico não teve um impacto ideológico nele. O que o irmão fez foi conseguir para ele um posto no sindicato.

É isso mesmo. Mas de volta ao dia em que conheci o Lula, o Bernardo e eu decidimos fazer uma entrevista no formato pergunta e resposta com o Lula. Na introdução descrevemos a chegada dele em São Paulo, e como ele se tornou torneiro mecânico e chegou ao sindicato. E fizemos a famosa capa, concebida pelo capista Hélio Almeida e publicada em 9 de fevereiro de 1978. A greve seria realizada em abril daquele ano porque venciam o contrato coletivo de trabalho. Foi uma revista do capeta.

Qual foi a reação à capa?

A reação dos leitores me pareceu muito boa porque a *IstoÉ* foi um sucesso de vendas. Ela chegou

a 100 mil exemplares de tiragem, em um tempo em que a Veja tinha tiragem de 200 mil. Quer dizer, era uma concorrente real. E os ditadores, ao contrário desse atual governo golpista encabeçado por quadrilheiros, não vetava anúncios. Nesse tempo a censura tinha terminado. A censura terminou, de fato, no começo de 1977, que foi quando a revista se tornou semanal exatamente por causa disso.

E quem foi o homem por trás do fim da censura.

O general Golbery do Couto e Silva. Ele tinha, de fato, o plano de retorno à normalidade democrática, segundo o próprio.

Você me disse que o Golbery facilitou a formação de partidos políticos como o PT para estilhaçar a esquerda. O Lula não concordou com essa tese quando fiz a pergunta a ele. Antes de ele ser preso, em 1980, Lula lembra que já existia uma abertura para formar novos partidos além do MDB e da ARENA. A histórica dos homens que vinham interrogá-lo a pedido do Cacique, o Golbery, existiram de fato. Mas ela não acredita que foi o Golbery quem facilitou a formação do PT.

Eu nunca disse que o Golbery facilitou a formação do PT. Disse que o Golbery estava muito interessado na personagem. E entendia que o Lula era di-

ferente dos pelegos. Tratava-se de um sindicalista de QI alto. Para o Golbery, o Lula tinha um pensamento não marcado pelo marxismo, não marcado por uma postura esquerdista tradicional, digamos. Era esquerdista no sentido que ele queria a igualdade. Queria que os trabalhadores fossem tratados da melhor maneira possível. Golbery sentia em Lula a pessoa sem intenções de ser um esquerdista feroz e bem embasado. Só isso. O Golbery, repito, não facilitou a formação do PT. Eu nunca disse isso. Golbery estava muito interessado em fazer várias perguntas ao Lula. Ele sabia que eu era muito amigo do Lula. Fazíamos várias capas da *IstoÉ* sobre o Lula. A uma certa altura o Golbery perguntou: “Como é esse Lula?” Foi então que mandou gente para ouvir o Lula no DOPS. E perguntavam o que esses emissários do Golbery? Perguntavam ao Lula como via a vida, o que pensava do mundo, como via o trabalho no Brasil, o que achava dos empresários. Perguntas desse tipo. *Mas houve, de fato, uma verdadeira tentativa do Golbery de estilhaçar as esquerdas como fez o Mitterrand com as direitas na França nos anos 1980.*

No caso do Brasil não foi uma tentativa para estilhaçar as esquerdas. O Tancredo Neves e o próprio

Ulysses Guimarães eram conservadores inomináveis. O Tancredo, embora subisse nos palanques das “diretas já”, não queria as “diretas já”. Queria eleições indiretas.

E o Ulysses Guimarães queria as diretas.

E ganharia. Foi o senhor diretas. Mas não era um homem de esquerda. Absolutamente. Havia ao redor dele paspalhos como o Fernando Henrique Cardoso, que se dizia de esquerda. Serra era a mesma coisa. E estavam todos no MDB. Inclusive o PT, também no MDB, votaria no Ulysses Guimarães se houvesse diretas sem reforma partidária, ou seja, antes da reforma partidária. O Montoro também fazia parte desse grupo no MDB. Ótima pessoa. Era um democrata-cristão a velha moda. A turma da oposição estava toda no MDB do Ulysses. Vamos deixar bem claro: não era uma esquerda. Havia uma minoria de esquerda, inclusive marxistas. Tratava-se de uma oposição valente. Onde a ditadura ter recorrido a inúmeras cassações. Deixava o Congresso aberto, mas caçava os congressistas quando bem entendesse. Houve o famoso pacote de abril, em abril de 1977, começo da *IstoÉ*. Com o pacote de abril fizeram um rapa na oposição.

Como se deu o teu contato com o Golbery?

Quem tinha contato com ele há algum tempo era o Elio Gaspari, quando ele trabalhava na *Veja*. O Elio foi editor de política na revista até 1974. O Elio me disse: “Você precisa conhecer o Golbery, uma pessoa muito interessante”. Estamos no início dos anos 1970. Golbery estava fora do governo, pertencia ao grupo dos Sorbonnianos...

Mas nenhum deles tinha elos com a Sorbonne.

O primeiro foi o Castelo Branco, que tinha lido muito Victor Hugo e isso o qualificava como Sorbonniano. Não conheci pessoalmente o Castelo Branco, mas receio que fosse um idiota. Mas não importa. As minhas opiniões valem até um certo ponto. O fato é que conheci o Golbery. Fui ao Rio e o conheci em 1972, quando já era editor há quatro anos da *Veja*. Naquele momento ele era presidente da Dall Chemical no Brasil. O superior dele era um homem chamado Orefici, que os norte-americanos chamavam de Orficce. Golbery era um homem cordial, uma pessoa muito simpática. Acabamos confraternizando. E assim nasceu o hábito de eu ir ao Rio visitá-lo, ainda como presidente da Dall Chemical. Íamos almoçar em uma dessas típicas padarias portuguesas populares do

Rio, onde se comia um bom bacalhau, por exemplo. Ele foi uma fonte fundamental. E simpatizei com ele. Nossas ideologias eram opostas. Mas ele gostava, como eu, de arte. Um ponto em comum. Tenho certeza de que ele simpatizou muito comigo. Falava muito bem de mim.

À época o Golbery já tinha uma estratégia para devolver o governo aos civis?

Estava tramando. Havia começado, pouco a pouco, e pretendia devolver tudo aos civis. De saída, criou um contato com a casa-grande. Mas veja: era um homem em perfeita sintonia com o contexto da Guerra Fria, portanto com a geopolítica dominada pelo império norte-americano. Por isso acabou na Dall Chemical. Mas ao mesmo tempo ele achava que devia-se colocar a casa em ordem. Para ele, havia uma grande bagunça por conta do Fidel Castro. Golbery estava longe de ser um homem de esquerda. Absolutamente. Há quem diga que tinha um passado de meio incerto no sentido ideológico. (É isso Mino?) Mas não sei se isso é verdade e se deve ser levado em consideração. Ele era antes de tudo um filho da Guerra Fria e da divisão maniqueísta do mundo. Quanto a isso não há a menor dúvida. Agora, era um estrategista notável. Odi-

ado pelos militares. Tanto que estava tramando a substituição de Médici, na hora certa evidentemente, ou seja, quando ele terminasse o mandato dele. Médici seria substituído pelo Geisel. O Geisel era um sujeito que tinha aos olhos dos militares a enorme vantagem de ser irmão do Orlando Geisel.

Por que vantagem?

Porque Orlando Geisel era uma espécie de condestável do poder ditatorial. De garantia. Mas ao mesmo tempo, o Golbery, homem muito sagaz, percebia que o Geisel era o títere ideal para o títere Golbery. Na verdade, o Golbery nunca me disse que o Geisel era o títere ideal para ele. Mas depois a certa altura me disse algo muito significativo a respeito do Geisel. Apesar de todos os livros que o Elio Gaspari escreveu a respeito do Geisel, porque o ex-secretário do Geisel, Heitor Aquino, deu-lhe todos os arquivos. Então o Elio escreveu, não sei, quatro livros, monumentais. Neles, Geisel, para o Gaspari, se tornou o herói. As histórias brasileiras são extraordinárias. Mas voltemos ao Golbery. Ele preparava então a substituição do Médici que se deu efetivamente no decorrer de 1973. Uma condição colocada pelo Médici foi que o Geisel não levaria o Golbery para o governo. Portanto,

a operação foi muito escondida. Estranha de certa forma. E acabou com a escolha do Geisel pelo Médici. Para abreviar, formou-se o governo do Geisel e o Golbery foi naturalmente para a chefia da Casa Civil, em 1974. A relação entre Golbery com o Geisel era bastante formal. Tratavam-se de senhor. E o Golbery sabia que conseguiria levar o Geisel na corrente dele. Qual era o plano do Golbery? Partir para uma anistia incompleta, mas anistia. Esses seriam os dois passos finais do Geisel: anistia e reforma partidária. Anistia no começo de 1979 e a reforma partidária no final de 1979. Ai a coisa marchou.

Em 1974, você nos levou, a Manuela e eu, a Brasília quando foi se encontrar com o Golbery.

Exato. Estava presente fora da sala do Golbery o Roberto Civita. Ele me implorou para entrar porque ele não conhecia o Golbery. Eu disse: “Você entra, mas fica quieto”. O Roberto ficou quieto. Mas na hora da despedida, ele disse ao Golbery: “Se o senhor quiser a cabeça do Millôr Fernandes...” O Golbery o interrompeu e disse: “Senhor Civita, eu não estou pedindo a cabeça de ninguém”. E quando saímos da sala, eu disse ao Roberto: “Você é um cretino”. E ele ficou quieto. Era um imbecil.

Lembro da cena. E como continua o plano de Golbery de entregar o poder aos civis?

Em 1974 o Quércia se elegeu senador. O MDB colocou deputados e senadores em todos os cantos. Houve cassações às pamparras. Fui ter com o Golbery e ele disse: “Olha eu sou muito parlapatão, mas veja, não tem jeito. Precisamos fazer uma reforma partidária. Quem é de esquerda que fica à esquerda, quem é de direita que fique à direita. Que fique tudo mais claro”. No ano seguinte, 1975, o Golbery teve um descolamento da retina. Foi operado na Espanha, onde na época havia os bambas desse problema. Golbery voltou ao Rio de Janeiro. Ficou entrevado em um quarto, onde passou um mês inteiro na escuridão. Finalmente voltou a Brasília. No dia 3 de abril, aproveitando-se da ausência de Golbery, Geisel havia pronunciado o discurso da pá de cal. Ou seja, estava encerrada a distensão lenta e gradual, porém segura. Fui visitar o Golbery no dia seguinte ao pronunciamento de Geisel. Jazia sobre a mesa do Golbery o discurso do Geisel. Golbery me disse: “Sabe quem escreveu isso aqui? O João Paulo dos Reis Velloso”. Reis Velloso era então o ministro do Planejamento de Geisel. Golbery tinha sublinhado o discurso inteiro.

“Isso vai provocar o retorno do terror de Estado. Vai ter coisas do arco da velha. É uma estupidez total. Cuide-se”, avisou Golbery. Iam pegar jornalistas. Culminou com a morte do Vlado Herzog, em outubro de 1975. O Golbery também me disse: “Olha, se o Geisel não ficar atento ele não vai fazer o sucessor dele. E o sucessor dele será o Frota. E aí?, indaguei. “O Frota tem que cair.” Quando? Já? Amanha? “Até o dia 12 de outubro de 1977”, respondeu o Golbery. Estávamos em agosto de 1975. O Frota caiu exatamente no dia 12 de outubro de 1977. Dois anos depois, o Figueiredo fez a anistia, bastante parcial. A anistia foi aprovada pela chamada Comissão da Verdade, pelo Congresso brasileiro e pelo Supremo Tribunal Federal. E Golbery conduziu a reforma partidária em 1979. O Tancredo formou imediatamente o Partido Popular. O Lula formou o Partido dos Trabalhadores. o Brizola, de quem tinham roubado o Partido Trabalhista Brasileiro, fez o PDT. E o Ulysses ficou com o PMDB. Depois das bombas do Riocentro, em 1981, o Golbery disse a Figueiredo: “É preciso demitir o general Gentil Marcondes”. Marcondes era então o comandante do Primeiro Exército, e, portanto, o primeiro mandante das bombas do Riocentro. Figueiredo rebateu: “Não, não, vamos chamar o Otá-

vio”. Veio o general Otávio Medeiros, a quem o Golbery uma vez me apresentou como camarada Dimitrov. Ele tinha muito senso de humor.

Quando o Golbery disse para você se cuidar como jornalista após o pronunciamento de Geisel em abril de 1975 ele sabia que pediriam a tua cabeça... Claro. Para os Civita estava em jogo o empréstimo pedido a Caixa Econômica Federal, presidida pelo Rieschbieter. (É isso mesmo?) Tratava-se de um empréstimo de 50 milhões de dólares. De fato, quando chegou a minha hora por causa desse empréstimo, em 1976, o Rieschbieter teve de entregar a aprovação a um superior. O pedido de empréstimo empacou na mesa do Falcão, o ministro da Justiça. O Geisel, diga-se, me odiava.

Ele disse que você era o mais chato de todos os jornalistas.

Não, esse foi o Figueiredo. Me fez um grande elogio. Ele me confundiu com o Roberto Marinho e o Victor Civita. Figueiredo disse: “Esses só vêm me pedir coisas. O Mino Carta não pede nada. E um chato. Rescreveria os Evangelhos. Mas ele não tem o rabo preso”. Foi o maior elogio que já recebi. Mas ele me confundia com donos de empresas, o Roberto Marinho e o Victor Civita. De qualquer modo, quando, em fevereiro de 1976, o Geisel disse

que não tinha saído o empréstimo de 50 milhões de dólares para a Editora Abril, ele pediu a minha cabeça e você sabe como. Saí da *Veja* e acabou a censura contra a revista. Os Civita receberam 50 milhões de dólares. Os Civita deviam sobretudo ao Morgan Trust. Por isso digo, sou muito mais caro do que Jesus. O Golbery não mexeu uma palha quando fui embora da *Veja*. Nas suas memórias, o Rieschbieter conta que foi ter com o Golbery e disse: “Mas o Mino?” E o Golbery respondeu: “O Geisel detesta ele. Não tem jeito. Não posso fazer nada. Não posso defender o Mino. Não posso dizer deixem o Mino em paz”. Fui trabalhar com o Luís, meu irmão, e com o Domingo Alzugaray em uma revista mensal que se chamou *IstoÉ*. Anódina, inodora e mensal. Primeira capa foi o Beethoven, sobre os surdos. A *IstoÉ* virou semanal quando acabou a censura, em 1977. O último a ser censurado foi o jornal do Dom Paulo Evaristo Arns. O *Jornal da Cúria Metropolitana de São Paulo*. Dom Paulo era outra pessoa odiada pelo Geisel.

E com a IstoÉ semanal veio tua amizade com o Lula.

Ficamos logo amigos. Amigos de jantar um na casa do outro.

Você me levou algumas vezes para comer frango com polenta na casa do Lula.

Me lembro. E a Angélica (mulher de Mino) também ficou muito amiga da Marisa, mulher do Lula. Eu também simpatizava muito com a Marisa. Era descendente italiana com cidadania italiana, pois tinha o passaporte italiano. E o Lula chamava a avó dela de *nonnina*. A Marisa era uma mulher muito simpática. E vigorosa. Uma noite, tempo do mensalão, o Lula me liga e diz: “Vem jantar aqui na Granja do Torto” Aí ocorreu aquela história que já te contei em que a Marisa falava ao Lula que ele se deixou enganar pelos responsáveis pelo “mensalão”. O Lula me disse que deveríamos fazer uma grande entrevista. Fiz uma entrevista de 13 páginas para a *CartaCapital*. Isso em 1995. Eu tinha estado pouco antes visitando o chefe da Polícia Federal, o Paulo Lacerda. Um delegado até refinado. Fui com o Sérgio Lúrio e o Belluzzo. E a certa altura eu disse ao Lacerda. “Escuta. E essa história da Operação Chacal (Mino, é preciso explicar isso). Pegou o disco rígido do Daniel Dantas?” Ele respondeu que o disco rígido tinha sido entregue à Ellen Gracie, ministra do STF. E aí? O delegado respondeu: “Está vendo aquela gaveta, o disco rígido

está ali dentro”. E o senhor recebeu pressões para enterrar a operação Chacal? Há, muitas de deputados, senadores. Ministros? “Sim”. Por exemplo, o José Dirceu? “Sim”, respondeu ele. Já contei essa história. Não respeitei o *off*. Eu perguntei ao delegado Lacerda: “Mas desculpe, por que não abrem o disco rígido?” Ele disse, “Se abrirem acaba a República”.

E como foi a entrevista de 13 páginas com o Lula?

Nessa entrevista, o Lula me disse: “Você sabe muito bem que não sou de esquerda”. Eu disse, pensando em Bobbio, na ideia de quem quer igualdade é de esquerda. E indaguei: “Não é essa a tua preocupação? E o Lula respondeu que se isso era ser de esquerda então ele é de esquerda.

Um homem que faz uma política doméstica voltada para o povo é naturalmente de esquerda.

E com a independência do Brasil no cenário internacional. São as duas questões centrais do governo do Lula. Claramente de esquerda, e com o ideário de esquerda. Sim, claro, ele sempre foi de esquerda sem ser envolvido com ideologia marxista e questões similares. O PT nasceu como um partido de esquerda com ideário de esquerda. Mas repito: o partido no poder se portou como os ou-

tros. Hoje o partido está crescendo novamente. Na esteira do Lula, é claro. Mas ainda é um partido fraco, tíbio, amedrontado, sempre na defensiva.

Já disse ao Lula isso?

Sempre. Ele me lê, sabe. Ele diz que os trabalhadores brasileiros saberão reagir. Mas onde? Acho que a única voz que pode criar um forrobodó do capeta é a dele. Aí sim. Só ele pode engajar o povo. Porque o discurso dele pega. Ele é um mobilizador. Sem dúvida. Muito eficaz. Agora, eu tenho por ele uma amizade incondicional, mas o critico abertamente. No entanto, sempre estive ao lado dele. Quando ele foi preso, em 1980, fui visitá-lo com o Raymundo Faoro, com quem eu já tinha estado no palanque. No DOPS fomos muito bem recebidos pelo então chefe da PF, o Tuma. Ele nos deixou à vontade na sala do Lula. O Faoro disse ao Lula, então não somente preso, mas também enquadrado na lei de Segurança Nacional. E o Faoro disse: “Olha, estou a disposição para ser seu advogado”. E o Lula disse: “Não, doutor Faoro. Isso é coisa pouco importante. Quem vai me defender é o Greenwald. O senhor não se preocupe”. Depois ele queria o Faoro na chapa dele como candidato à vice-presidência, acho que em 1998.

Como estava o Lula no DOPS?

Tranquilo. Mas estava sendo muito bem tratado. O Tuma não somente mandava chamar a Marisa e os filhos todos os dias. Fui com a Angélica ao enterro da mãe do Lula. O Tuma soltou o Lula acompanhado por dois agentes à paisana para ir ao enterro. E depois servia ao Lula lulas fritas todos os dias. O Tuma gostava muito do Lula.

O Lula é uma força da natureza. Teve um câncer na garganta. Perdeu a mulher. E está sendo condenado sem provas.

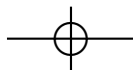
Sim, é um homem forte. Lidou com o câncer sem se lamentar. Perdeu a Marisa para a Lava Jato. E está sendo julgado sem provas. Quando o encontro, ele me diz que tenho de ficar animado, esperançoso porque a esperança não morre nunca. Eu digo a ele que ele é claramente sólido. Estranhamente, um mês antes da morte da Marisa, cheguei para o Lula e disse: “Sabe que eu tenho sonhado muito com a Marisa. Me lembro daquele dia em que estávamos naquele bar embaixo de sua casa quando você morava atrás da Volkswagen. A Marisa estava presente, e a certa altura chegou a perua da revista para me pegar. Fui embora e você ficou no bar. Mas a Marisa saiu do bar e ficou me

acenando. Eu sonho com essa cena: eu saio do carro e ela saudando. É um sonho recorrente”. E ela morreu um mês depois.

O Mazzini, como já falamos, dizia que era fundamental repetir as histórias para as pessoas as entenderes. Nessa nossa longa conversa você repetiu várias vezes “é a hora da revolta”. E o Lula é o homem que deveria engajar o povo.

O Lula é a única pessoa, o único líder popular nacional capaz de desencadear uma resistência total a tudo que está acontecendo. Esse País, sem revolta, afunda nas mãos dessa gentinha. Não vejo outra saída possível. Sinceramente. Tudo começa, e’ claro, com a condenação de Lula em segunda instância. Isso não pode acontecer. Não pode acontecer. Tem que haver luta contra isso. O povo na rua disposto a brigar. Caso contrário acho sinceramente que não haverá eleição. É somente sem eleição que as quadrilhas continuarão no poder a benefício dos ricos e super ricos. Eles não terão um candidato em qualquer situação que seja. Qualquer um será derrotado. Trata-se de uma situação realmente paradoxal. O povo está dando 3 por cento de aprovação a esse senhor Temer. No comando, o está fazendo misérias. Está liquidando o

País. E não há retorno. Uma vez que você vendeu o pré-sal você vendeu o pré-sal. Eles vão devolver o pré-sal? Se está vendido ao capital estrangeiro vamos ter de lidar com companhias como a Exxon. Não tem saída sem a revolta. É hora de reagir.



COLEÇÃO HEDRA

1. *Iracema*, Alencar
2. *Don Juan*, Molière
3. *Contos indianos*, Mallarmé
4. *Auto da barca do Inferno*, Gil Vicente
5. *Poemas completos de Alberto Caetano*, Pessoa
6. *Triunfos*, Petrarca
7. *A cidade e as serras*, Eça
8. *O retrato de Dorian Gray*, Wilde
9. *A história trágica do Doutor Fausto*, Marlowe
10. *Os sofrimentos do jovem Werther*, Goethe
11. *Dos novos sistemas na arte*, Maliévitch
12. *Mensagem*, Pessoa
13. *Metamorfoses*, Ovídio
14. *Micromegas e outros contos*, Voltaire
15. *O sobrinho de Rameau*, Diderot
16. *Carta sobre a tolerância*, Locke
17. *Discursos ímpios*, Sade
18. *O príncipe*, Maquiavel
19. *Dao De Jing*, Lao Zi
20. *O fim do ciúme e outros contos*, Proust
21. *Pequenos poemas em prosa*, Baudelaire
22. *Fé e saber*, Hegel
23. *Joana d'Arc*, Michelet
24. *Livro dos mandamentos: 248 preceitos positivos*, Maimônides
25. *O indivíduo, a sociedade e o Estado, e outros ensaios*, Emma Goldman
26. *Eu acusado!*, Zola | *O processo do capitão Dreyfus*, Rui Barbosa
27. *Apologia de Galileu*, Campanella
28. *Sobre verdade e mentira*, Nietzsche
29. *O princípio anarquista e outros ensaios*, Kropotkin
30. *Os soviets traídos pelos bolcheviques*, Rocker
31. *Poemas*, Byron
32. *Sonetos*, Shakespeare
33. *A vida é sonho*, Calderón
34. *Escritos revolucionários*, Malatesta
35. *Sagas*, Strindberg
36. *O mundo ou tratado da luz*, Descartes
37. *O Ateneu*, Raul Pompeia
38. *Fábula de Polífemo e Galateia e outros poemas*, Góngora
39. *A vênus das peles*, Sacher-Masoch
40. *Escritos sobre arte*, Baudelaire
41. *Cântico dos cânticos*, [Salomão]
42. *Americanismo e fordismo*, Gramsci
43. *O princípio do Estado e outros ensaios*, Bakunin

44. *O gato preto e outros contos*, Poe
45. *História da província Santa Cruz*, Gandavo
46. *Balada dos enforcados e outros poemas*, Villon
47. *Sátiras, fábulas, aforismos e profecias*, Da Vinci
48. *O cego e outros contos*, D.H. Lawrence
49. *Rashômon e outros contos*, Akutagawa
50. *História da anarquia* (vol. 1), Max Nettlau
51. *Imitação de Cristo*, Tomás de Kempis
52. *O casamento do Céu e do Inferno*, Blake
53. *Cartas a favor da escravidão*, Alencar
54. *Utopia Brasil*, Darcy Ribeiro
55. *Flossie, a Vênus de quinze anos*, [Swinburne]
56. *Teleny, ou o reverso da medalha*, [Wilde et al.]
57. *A filosofia na era trágica dos gregos*, Nietzsche
58. *No coração das trevas*, Conrad
59. *Viagem sentimental*, Sterne
60. *Arcana Cœlestia e Apocalipsis revelata*, Swedenborg
61. *Saga dos Volsungos*, Anônimo do séc. XIII
62. *Um anarquista e outros contos*, Conrad
63. *A monadologia e outros textos*, Leibniz
64. *Cultura estética e liberdade*, Schiller
65. *A pele do lobo e outras peças*, Artur Azevedo
66. *Poesia basca: das origens à Guerra Civil*
67. *Poesia catalã: das origens à Guerra Civil*
68. *Poesia espanhola: das origens à Guerra Civil*
69. *Poesia galega: das origens à Guerra Civil*
70. *O chamado de Cthulhu e outros contos*, H.P. Lovecraft
71. *O pequeno Zacarias, chamado Cinábrio*, E.T.A. Hoffmann
72. *Tratados da terra e gente do Brasil*, Fernão Cardim
73. *Entre camponeses*, Malatesta
74. *O Rabi de Bacherach*, Heine
75. *Bom Crioulo*, Adolfo Caminha
76. *Um gato indiscreto e outros contos*, Saki
77. *Viagem em volta do meu quarto*, Xavier de Maistre
78. *Hawthorne e seus musgos*, Melville
79. *A metamorfose*, Kafka
80. *Ode ao Vento Oeste e outros poemas*, Shelley
81. *Oração aos moços*, Rui Barbosa
82. *Feitiço de amor e outros contos*, Ludwig Tieck
83. *O corno de si próprio e outros contos*, Sade
84. *Investigação sobre o entendimento humano*, Hume
85. *Sobre os sonhos e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
86. *Sobre a filosofia e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
87. *Sobre a amizade e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
88. *A voz dos botequins e outros poemas*, Verlaine

89. *Gente de Hemsö*, Strindberg
90. *Senhorita Júlia e outras peças*, Strindberg
91. *Correspondência*, Goethe | Schiller
92. *Índice das coisas mais notáveis*, Vieira
93. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, Gabriel Soares de Sousa
94. *Poemas da cabana montanhesa*, Saigyô
95. *Autobiografia de uma pulga*, [Stanislas de Rhodes]
96. *A volta do parafuso*, Henry James
97. *Ode sobre a melancolia e outros poemas*, Keats
98. *Teatro de êxtase*, Pessoa
99. *Carmilla — A vampira de Karnstein*, Sheridan Le Fanu
100. *Pensamento político de Maquiavel*, Fichte
101. *Inferno*, Strindberg
102. *Contos clássicos de vampiro*, Byron, Stoker e outros
103. *O primeiro Hamlet*, Shakespeare
104. *Noites egípcias e outros contos*, Púchkin
105. *A carteira de meu tio*, Macedo
106. *O desertor*, Silva Alvarenga
107. *Jerusalém*, Blake
108. *As bacantes*, Eurípides
109. *Emília Galotti*, Lessing
110. *Contos húngaros*, Kosztolányi, Karinthy, Csáth e Krúdy
111. *A sombra de Innsmouth*, H.P. Lovecraft
112. *Viagem aos Estados Unidos*, Tocqueville
113. *Émile e Sophie ou os solitários*, Rousseau
114. *Manifesto comunista*, Marx e Engels
115. *A fábrica de robôs*, Karel Tchápek
116. *Sobre a filosofia e seu método — Parerga e paralipomena (v. II, t. I)*, Schopenhauer
117. *O novo Epicuro: as delícias do sexo*, Edward Sellon
118. *Revolução e liberdade: cartas de 1845 a 1875*, Bakunin
119. *Sobre a liberdade*, Mill
120. *A velha Izerguil e outros contos*, Górkí
121. *Pequeno-burgueses*, Górkí
122. *Um sussurro nas trevas*, H.P. Lovecraft
123. *Primeiro livro dos Amores*, Ovídio
124. *Educação e sociologia*, Durkheim
125. *Elixir do pajé — poemas de humor, sátira e escatologia*, Bernardo Guimarães
126. *A nostálgica e outros contos*, Papadiamántis
127. *Lisístrata*, Aristófanes
128. *A cruzada das crianças/ Vidas imaginárias*, Marcel Schwob
129. *O livro de Monelle*, Marcel Schwob
130. *A última folha e outros contos*, O. Henry
131. *Romanceiro cigano*, Lorca

132. *Sobre o riso e a loucura*, [Hipócrates]
133. *Hino a Afrodite e outros poemas*, Safo de Lesbos
134. *Anarquia pela educação*, Élisée Reclus
135. *Ernestine ou o nascimento do amor*, Stendhal
136. *A cor que caiu do espaço*, H.P. Lovecraft
137. *Odisséia*, Homero
138. *O estranho caso do Dr. Jekyll e Mr. Hyde*, Stevenson
139. *História da anarquia* (vol. 2), Max Nettlau
140. *Eu*, Augusto dos Anjos
141. *Farsa de Inês Pereira*, Gil Vicente
142. *Sobre a ética — Parerga e paralipomena* (v. II, t. II), Schopenhauer
143. *Contos de amor, de loucura e de morte*, Horacio Quiroga
144. *Memórias do subsolo*, Dostoiévski
145. *A arte da guerra*, Maquiavel
146. *O cortiço*, Aluísio Azevedo
147. *Elogio da loucura*, Erasmo de Rotterdam
148. *Oliver Twist*, Dickens
149. *O ladrão honesto e outros contos*, Dostoiévski
150. *O que eu vi, o que nós veremos*, Santos-Dumont
151. *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida*, Nietzsche
152. *Édipo Rei*, Sófocles

«SÉRIE LARGEPOST»

1. *Dao De Jing*, Lao Zi
2. *Cadernos: Esperança do mundo*, Albert Camus
3. *Cadernos: A desmedida na medida*, Albert Camus
4. *Cadernos: A guerra começou...*, Albert Camus
5. *Escritos sobre literatura*, Sigmund Freud
6. *O destino do erudito*, Fichte
7. *Diários de Adão e Eva*, Mark Twain
8. *Diário de um escritor (1873)*, Dostoiévski

«SÉRIE SEXO»

1. *Tudo que eu pensei mas não falei na noite passada*, Anna P.
2. *A vênus das peles*, Sacher-Masoch
3. *O outro lado da moeda*, Oscar Wilde
4. *Poesia Vaginal*, Glauco Mattoso
5. *Perversão: a forma erótica do ódio*, R.J. Stoller

6. *A vênus de quinze anos*, [Swinburne]
7. *Explosão*, Hubert Fichte
8. *Do amor e outras brutalidades*, Anna P. (no prelo)
9. *A invenção da pornografia*, Lynn Hunt (no prelo)

COLEÇÃO «QUE HORAS SÃO?»

1. *Lulismo, carisma pop e cultura anticrítica*, Tales Ab'Sáber
2. *Crédito à morte*, Anselm Jappe
3. *Universidade, cidade e cidadania*, Franklin Leopoldo e Silva
4. *O quarto poder: uma outra história*, Paulo Henrique Amorim
5. *Dilma Rousseff e o ódio político*, Tales Ab'Sáber
6. *descobrimo o islã no brasil*, karla lima
7. *Refugiados*, Gabriel Bonis



Adverte-se aos curiosos que se imprimiu este livro em
nossas oficinas, em 16 de novembro de 2017, em tipolo-
gia Neue Swift, com diversos softwares livres, entre eles,
Lua[®]TeX, git & ruby.

